



UNIVERSIDADE FEDERAL SÃO CARLOS
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL (UAB)
CURSO DE PEDAGOGIA

Giulianna Bueno Denari

**ENVELHECÊNCIA ENQUANTO EXPERIÊNCIA: sobre o curso para formação de
professores sobre envelhecimento na cidade de São Carlos/SP**

São Carlos

2025

FOLHA DE ROSTO

Giulianna Bueno Denari

ENVELHECIMENTO ENQUANTO EXPERIÊNCIA: sobre o curso para formação de
professores sobre envelhecimento na cidade de São Carlos/SP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Pedagogia para
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia
da Universidade Federal de São Carlos.
Área de concentração: Educação.

Orientação: Marcio Bernardino Sirino

São Carlos

2025

VERSO DA FOLHA DE ROSTO

Denari, Giulianna Bueno

EnvelheCiência enquanto experiência: : sobre o curso para formação de professores sobre envelhecimento na cidade de São Carlos/SP / Giulianna Bueno Denari -- 2025.
19f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Marcio Bernardino Sirino

Banca Examinadora: Lilian Ucker Perotto, Elizângela Fernandes dos Santos Wavamunno

Bibliografia

1. Formação Continuada. 2. Envelhecimento. 3. Relato de Experiência. I. Denari, Giulianna Bueno. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

FOLHA DE APROVAÇÃO

Giulianna Bueno Denari

ENVELHECIÊNCIA ENQUANTO EXPERIÊNCIA: sobre o curso para formação de professores sobre envelhecimento na cidade de São Carlos/SP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos.
Área de concentração: Educação.
São Carlos, 15 de junho de 2025.

Orientador(a)

Dr. Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Examinadora

Dra. Lilian Ucker Perotto
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Examinadora

Dra. Elizângela Fernandes dos Santos Wavamunno
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

RESUMO

O objetivo do trabalho em tela é de relatar a experiência de desenvolvimento e implementação do curso *EnvelheCiência*, uma iniciativa voltada para a formação de professores sobre envelhecimento e combate ao idadismo. Realizado em escolas de São Carlos/SP, o curso buscou integrar conhecimentos biológicos e sociais às práticas pedagógicas, destacando a importância de abordar o tema no contexto educacional. A metodologia adotada envolveu o relato de experiência sobre a formulação e execução do curso em formato piloto, oferecido presencialmente. Os resultados apontam para a necessidade de incluir o envelhecimento nos currículos escolares e desenvolver materiais didáticos específicos, bem como o potencial formativo da proposta, ao aproximar os educadores de uma temática com a qual todos se identificam. A experiência demonstrou como a escola pode se tornar um espaço fundamental para promover uma visão mais inclusiva e respeitosa sobre o envelhecimento, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e acolhedora para todas as idades. Também destacou a sobrecarga de trabalho dos educadores e como propostas híbridas de ensino, mesclando o presencial e assíncrono, podem ser interessantes para maior participação de cursistas. Enquanto prática formativa, influenciou sobremaneira a pesquisadora, demonstrando a importância da formação continuada, metodologias ativas e o processo reflexivo no trabalho do educador.

Palavras-chave: formação continuada; envelhecimento; relato de experiência

ABSTRACT

This study aims to document the development and implementation experience of the *EnvelheCiência* course, an initiative focused on teacher education regarding aging and combating ageism. Conducted in schools in São Carlos/SP, Brazil, the course sought to integrate biological and social knowledge into pedagogical practices, emphasizing the importance of addressing this theme in educational contexts. The methodology employed involved an experiential account of the course's formulation and execution in a pilot format, delivered through in-person sessions. The findings highlight the need to incorporate aging-related content into school curricula and develop specific teaching materials, while also demonstrating the course's educational potential by engaging teachers with a universally relevant subject. The experience revealed how schools can become crucial spaces for promoting more inclusive and respectful perspectives on aging, thereby contributing to a more equitable and welcoming society for all ages. Additionally, it underscored educators' workload challenges and suggested that hybrid teaching models combining in-person and asynchronous elements may enhance participant engagement. As an educational practice, the experience profoundly influenced the researcher, demonstrating the importance of continuing education, active methodologies, and reflective processes in educators' professional development.

Keywords: teacher education; aging; experiential account

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2 DISCUSSÃO | 10 |
| 3 SOBRE O ENVELHECIMENTO..... | 11 |
| 4 A EXPERIÊNCIA | 12 |
| 5 CONCLUSÕES..... | 14 |
| 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 17 |

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um desafio importante do século XXI. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) apontam que, nas próximas décadas, a população idosa brasileira ultrapassará a de crianças e adolescentes, alterando significativamente as dinâmicas sociais, culturais e econômicas do país.

Nesse contexto, a construção de uma sociedade inclusiva, que respeite as diferentes fases da vida e combata preconceitos como o idadismo, é essencial. Além disso, faz-se urgente a inclusão e implementação de políticas públicas voltadas à população idosa, nos mais diferentes setores.

O idadismo, conceito introduzido por Robert Butler em 1969, refere-se ao preconceito baseado apenas na idade de uma pessoa. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ele afeta tanto a saúde mental quanto a inclusão social das pessoas mais velhas, perpetuando estereótipos que reduzem sua participação ativa na sociedade. No ambiente escolar, onde valores e atitudes são constantemente formados, o idadismo pode ser reproduzido ou, ao contrário, desconstruído por meio de práticas pedagógicas inclusivas.

A proposta deste artigo é trazer meu relato de experiência enquanto integrante da equipe de elaboração e confecção do curso auto instruído chamado “EnvelheCiência”, disponível no Portal de Cursos Abertos da UFSCar a partir de abril de 2025. O relato de experiência, conforme Mussi, Flores e Almeida (2021), configura-se como uma ferramenta válida e relevante na formação de professores por articular teoria e prática de forma reflexiva, permitindo que educadores sistematizem e analisem criticamente suas vivências pedagógicas. Ao documentar intervenções em sala de aula, projetos de extensão ou ações formativas, entendo que não apenas legitima o conhecimento produzido na prática, mas também promove a autoavaliação e o aprimoramento contínuo. Conforme destacado por Freire (2006) ao defender a reflexão sobre a ação como eixo da profissionalização docente, ao seguir parâmetros científicos que incluem coerência, consistência e objetivação um relato de experiência pode transcender o caráter meramente descritivo, transformando-se em instrumento de divulgação científica acessível e em ferramentas de transformação das práticas educativas.

O relato de experiência sistematizado, conforme discutido no artigo de Antunes, Torres, Alves e Queiroz (2024), é considerado um formato válido como expressão da formação docente ao articular rigor metodológico e reflexão crítica sobre a prática pedagógica. Ao adotar princípios de observação cotidiana e uma lógica própria que conecta teoria e interpretação, esse tipo de relato supera a mera descrição de vivências, pode ser uma ferramenta epistêmica.

Enquanto método, os autores apontam que sua validade reside na sistematização dos dados produzidos, sejam eles os diários de campo, registro das falas e dos conteúdos, e também, na transparência dos vieses do que deve explicitar como suas histórias de vida e formação influenciam a interpretação. Pode ainda ser base para legitimar o conhecimento prático, ao vincular de maneira direta as práticas pedagógicas e referenciais teóricos, além de evidenciar as narrativas plurais na construção do conhecimento. Assim, o relato de experiência sistematizado não apenas qualifica a prática docente, mas também a insere no âmbito da produção científica, desde que cumpra critérios como confiabilidade dos dados, representatividade do fenômeno e coerência narrativa

Essa abordagem, que encontra ressonância nas epistemologias pós-coloniais e decoloniais, desafia a hierarquia acadêmica tradicional - evidenciada pela escassa presença de relatos de experiências em periódicos A1 (apenas 2,9% na Psicologia) - ao demonstrar que a ciência não se faz apesar da subjetividade, mas através dela (DALTRO & FARIA, 2019). Ao reconhecer o caráter situado de todo conhecimento e ao transformar a experiência individual em ferramenta de análise coletiva pode nos ajudar a expandir as fronteiras do aceitável na academia, privilegiando narrativas plurais, corpos que pensam e saberes antes marginalizados.

O presente trabalho converge com essa experiência, buscando investigar não só como a formação continuada de professores pode influenciar suas atitudes e práticas pedagógicas, mas também como atua e potencializa a formação da pesquisadora que aqui escreve. Este relato, situado na interseção entre pedagogia e gerontologia, tem como ponto de partida a seguinte questão norteadora: "Como minha participação como formadora no curso EnvelheCiência transformou minha compreensão sobre o envelhecimento e ressignificou minha prática pedagógica enquanto graduanda em Pedagogia?"

Para responder a esta questão, trarei abaixo algumas reflexões sobre a concepção e execução do curso, além das experiências no curso piloto, realizado na cidade de São Carlos/SP, em duas escolas com atuação nos anos iniciais do ensino fundamental.

Segundo Oliveira (2011) a escrita narrativa se configura como dispositivo fundamental para a formação docente, evidenciando seu duplo papel como instrumento de reflexão pedagógica e ferramenta de pesquisa qualitativa. A autora aponta que narrar experiências de aula não apenas revela saberes tácitos, mas promove um processo dialético de autoformação, onde a reelaboração escrita das vivências força uma reorganização crítica do pensamento. Essa prática, longe de ser mero registro, opera uma metamorfose epistêmica: ao transpor experiências para o texto, o professor-descreve (sujeito da ação) torna-se professor-analista (sujeito da reflexão), capaz de identificar padrões, contradições e ressignificar suas crenças.

2 DISCUSSÃO

O envelhecimento populacional exige respostas articuladas em diferentes setores da sociedade, incluindo a educação. Contudo, estudos indicam que o idadismo continua sendo um dos preconceitos mais presentes na sociedade, muitas vezes ignorado ou naturalizado (WHO, 2021). No ambiente escolar, professores desempenham um papel fundamental na construção da formação cidadã e integral de seus educandos, mas poucos recebem formação específica para lidar com o tema do envelhecimento e suas implicações. O ensino tradicional das ciências frequentemente reproduz visões simplistas e distorcidas da atividade científica — como a ideia de um "método científico" rígido ou a noção de que a ciência é neutra e acumulativa. Essas concepções, além de empobrecerem a compreensão dos estudantes, limitam sua capacidade de enxergar a ciência como um processo dinâmico, criativo e profundamente humano, marcado por incertezas, debates e contextos sociais.

Nesse sentido, promover um olhar científico autêntico — isto é, uma visão da ciência como investigação problematizadora, crítica e em constante transformação — é essencial não apenas para a formação de novos cientistas, mas para qualquer cidadão que precise tomar decisões informadas em um mundo cada vez mais atravessado por questões científico-tecnológicas (PEREZ, MONTORO, ALIS, CACHAPUZ, PRAIA, 2001). É aqui que iniciativas como o EnvelheCiência ganham relevância.

Em muitas situações, estereótipos e preconceitos em relação às pessoas mais velhas são reproduzidos em sala de aula, influenciando negativamente a forma como os estudantes percebem o envelhecimento. Essa lacuna formativa levanta a seguinte questão: Como capacitar professores para desconstruir preconceitos sobre o envelhecimento e desenvolver práticas pedagógicas que promovam o respeito e a inclusão?

A escolha deste tema é justificada por sua relevância social, acadêmica e educacional. Em primeiro lugar, o envelhecimento da população brasileira é uma realidade de futuro próximo, que demanda adaptações nas políticas públicas e práticas sociais. A escola, como espaço de formação cidadã, é uma das principais instâncias para promover valores como respeito e inclusão.

Pesquisas apontam que o idadismo afeta a forma como indivíduos mais velhos são tratados na sociedade, impactando negativamente sua saúde física e mental (WHO, 2021). Além disso, há um consenso crescente de que atitudes preconceituosas começam a se formar na infância, o que reforça a importância de intervir na educação básica. Contudo, a formação docente ainda carece de uma abordagem sistemática sobre envelhecimento e idadismo,

deixando professores sem ferramentas para trabalhar essas questões em sala de aula. Este estudo busca avançar na lacuna identificada, avaliando como a formação continuada pode transformar as práticas pedagógicas e atitudes de professores em relação ao envelhecimento. E também, como a atuação enquanto promotora do curso impactou diretamente em minha formação pedagógica.

3 SOBRE O ENVELHECIÊNCIA

O envelhecimento populacional configura-se como uma das mais significativas transformações demográficas do nosso tempo. No Brasil, esse processo ocorre de forma particularmente acelerada: enquanto países europeus levaram cerca de um século para que a população com 60 anos ou mais duplicasse de 7% para 14%, no Brasil essa transição demográfica ocorreu em apenas 24 anos (IBGE, 2022). As projeções indicam que, até 2050, cerca de 30% da população brasileira será composta por pessoas idosas, ultrapassando numericamente a população de crianças e adolescentes.

Essa mudança na pirâmide etária traz implicações profundas para todos os setores da sociedade, exigindo especialmente da educação uma revisão de seus paradigmas e práticas. Contudo, como apontam Cachioni e Neri (2019), a formação docente - tanto inicial quanto continuada - ainda não incorporou de maneira satisfatória discussões fundamentais sobre envelhecimento, idadismo e demências. Essa lacuna formativa se torna ainda mais preocupante quando consideramos que a escola é um espaço privilegiado para a desconstrução de estereótipos e a formação de atitudes positivas em relação ao envelhecimento.

Neste contexto, o curso EnvelheCiência foi concebido como uma iniciativa pioneira no Brasil, voltada para a formação continuada de professores. Desenvolvido em parceria entre a UFSCar e o Laboratório de Biologia do Envelhecimento (LABEN – UFSCar), o curso teve como objetivos principais: (1) capacitar educadores para abordar o envelhecimento de forma crítica e interdisciplinar; (2) fornecer subsídios para o combate ao idadismo no ambiente escolar; e (3) preparar professores para lidar com situações envolvendo demências no contexto familiar dos alunos.

O envelhecimento populacional, fenômeno global destacado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), exige uma reavaliação dos paradigmas educacionais. Butler (1969), ao cunhar o termo "idadismo", alertou para as formas sutis e explícitas de discriminação etária que permeiam as sociedades contemporâneas. Na educação, como demonstram os estudos de Levy

e Macdonald (2016), esses preconceitos se manifestam tanto na ausência do tema nos currículos quanto na reprodução de estereótipos negativos sobre a velhice.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), embora não aborde explicitamente o envelhecimento, estabelece competências gerais que poderiam incorporar esta temática, especialmente no que diz respeito à formação ética e ao desenvolvimento da cidadania. A escola precisa se preparar para formar cidadãos capazes de viver em uma sociedade que envelhece rapidamente, o que exige a superação do estigma contra a população idosa como um todo.

4 A EXPERIÊNCIA

O EnvelheCiência surgiu enquanto projeto a partir da idealização da professora do departamento de gerontologia da UFSCar, doutora Marcia Cominetti¹. A proposta foi trazer para a formação de educadores a temática do envelhecimento saudável e não saudável, promovendo não apenas o conhecimento acerca do funcionamento do cérebro e das funções cognitivas, mas também, discutir possibilidades de práticas pedagógicas a partir dessa experiência.

O curso, que também contou com a atuação da consultora pedagógica, professora Lea Veras², e da gerontóloga Karen Pulgatti³, se desenvolveu enquanto proposta e projeto ao longo do ano de 2024, quando aconteceu a versão piloto em duas escolas na cidade de São Carlos/SP. Minha função na equipe, além de pedagoga em formação, foi atuar enquanto comunicadora científica e promover o contato com as escolas e professores. Porém, todas as funções se comunicaram o tempo todo, sendo o conteúdo, o percurso pedagógico e as abordagens construídas coletivamente em nosso pequeno grupo.

Os encontros consistiram em abordar as aulas propostas, de acordo com o calendário formativo: partindo do funcionamento do cérebro, passando sobre demências e também sobre envelhecimento saudável. Semanalmente nos encontramos com a equipe de educadores e gestores das duas escolas, no horário de trabalho pedagógico coletivo, propondo discussões a partir das aulas expositivas. Momentos estes que se mostraram extremamente enriquecedores, pelas trocas e apontamentos sobre o que poderia funcionar em relação ao ensino fundamental e o que mais chamava atenção dos professores de maneira pessoal.

¹ Currículo Lattes disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/3725318894555272>>

² Currículo Lattes disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/1969507583747922>>

³ Currículo Lattes disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/9214323250634967>>

Após cada aula, tomávamos notas individuais, que discutíamos em nossas conversas semanais sobre o que funcionou e não funcionou em cada aula. O que nos ajudou a planejar as aulas seguintes de maneira mais efetiva. Revisitando minhas anotações pude perceber o quanto algumas palavras mais me chamavam atenção, como medo, angústia e desconhecimento em relação a processos até então, considerados naturais de um envelhecimento não-saudável. E o quanto o futuro que chega preocupava pela falta de autonomia e memórias. Esses relatos foram importantes para construirmos abordagens acolhedoras, trazendo, por exemplo, relatos de casos reais de pessoas que convivem com alguma demência por longos anos, antes de atingir estágios severos na evolução da doença.

A cada aula pudemos trocar experiências com esses professores, que afetados pessoalmente ou não, conseguiram nos mostrar o quanto a temática era interessante e urgente. Porém, também nos alertou ainda mais sobre a sobrecarga de trabalho presente na rotina desses educadores de maneira sufocante.

Ao acompanhar diretamente a rotina desses professores a cada semana, pude ter um pouco da experiência dessa sobrecarga em seus relatos. Muitos apontavam que apesar do interesse no curso, não conseguiam assistir aos vídeos indicados por falta de tempo ou mesmo disposição, depois de longas horas de trabalho. Também, sobre a dificuldade em acrescentar mais um conteúdo nos currículos, principalmente pelo engessamento institucional relatado.

Os conteúdos produzidos anteriormente aos encontros formativos, se mostraram pouco promissores, uma vez que não havíamos equipamentos adequados e mesmo uma percepção real do que seria importante destacar e o formato escolhido. Desta forma, começamos a nos mobilizar para que os conteúdos selecionados para o curso auto instruído fossem elaborados de acordo com o processo reflexivo proporcionado pelas práticas no curso piloto. Ainda que desgastante, pelo volume de trabalho também em nossa pequena equipe, promovíamos momentos de trocas que serviam para alinhamento do que aconteceria dali para frente.

Enquanto presente nas escolas, aproveitei para ouvir e acompanhar os relatos dos professores, educadores e gestores, sobre o cotidiano escolar e das relações estabelecidas. A possibilidade de estar com professores fora da sala de aula, em um momento de formação continuada foi uma possibilidade semelhante aos estágios formativos da graduação: o aprendizado semanal de trocas e conversas enriqueceu sobremaneira minha formação pedagógica.

Outra observação importante nesses encontros foi sobre os embates geracionais entre professores e estudantes, principalmente os que lecionam para crianças (a outra escola atende o público alvo da educação de jovens e adultos). Os conflitos geracionais e o idadismo sofrido

pelos professores nos fizeram entender sobre a urgente importância de discutir o assunto dentro da sala de aula, enquanto tema formativo.

A partir do encerramento e discussões em grupo sobre o curso todo, pudemos refletir de maneira conjunta sobre os aspectos positivos e negativos dos conteúdos propostos. Entendemos, a partir dessa experiência inicial, que o volume de informações precisava ser adequado, para caber tanto na rotina desses educadores, quanto para fixação do conteúdo.

Parte da experiência também envolveu todo o planejamento do curso, desde o encadeamento das aulas, propostas de atividades e sequência didática. É uma atividade corriqueira quando se é educador e poder acompanhar de perto esse trabalho, contribuindo com ideias e aprendendo com a experiência das professoras foi muito importante para minha formação.

Como parte dessa experiência, também nos propusemos a aplicar questionários avaliativos, antes e depois da conclusão do curso, como parte da análise sobre a viabilidade da proposta. Foram 7 questionários, sendo o primeiro, a leitura e análise do Termo Livre Esclarecido, informando sobre a pesquisa e solicitando a concordância ou não em participar. Em caso de negativa, ainda podiam realizar o curso, mas não precisariam responder aos questionários. Em caso positivo, após lerem todo o documento e concordar, seguiam para os próximos questionários. Nos cursos pilotos, optamos por levar todos os questionários impressos, para que pudessem preenche-los antes das intervenções. Algo que foi muito positivo, uma vez que a necessidade de realizar essa tarefa em casa, de maneira online, se mostrou infrutífera. O segundo questionário foi o sociodemográfico, com o intuito de conhecer informações básicas sobre o público realizando o curso. O terceiro foi a Escala de Crenças em Relação à Velhice construída por Neri (1991), que visa avaliar a percepção sobre o envelhecimento a partir de pares de adjetivos, em escala de 5 pontos. O quarto questionário é o Questionário Palmore-Neri-Cachioni de Conhecimentos Básicos sobre a Velhice (1977), que consiste em avaliar alguns conhecimentos do participante, sem que ele precise pesquisar sobre o assunto. O quinto, é o Questionário de Atitudes com Relação às Demências (ADI, 2024), também em uma escala de 5 níveis de concordância com as afirmações. Por fim, o último questionário é o DKAT2, que avalia o conhecimento sobre demências. Todas as respostas a esses questionários serão analisadas e publicadas em um artigo futuro.

5 CONCLUSÕES

A experiência como integrante da equipe do curso EnvelheCiência representou um marco transformador em minha formação como pedagoga, permitindo-me refletir criticamente sobre o envelhecimento, o idadismo e o papel da escola na construção de uma sociedade mais inclusiva. Ao longo do projeto, pude observar como a temática do envelhecimento, ainda marginalizada na formação docente, é urgente e necessária, especialmente em um contexto demográfico como o brasileiro, onde a população idosa ultrapassará a de crianças e adolescentes em poucas décadas (IBGE, 2022). A participação no curso não apenas ampliou meu conhecimento teórico sobre gerontologia, mas também me confrontou com desafios práticos, como a resistência institucional, a sobrecarga dos professores e a necessidade de adaptar conteúdos complexos para realidades educacionais diversas.

Um dos aprendizados centrais foi a constatação de que o idadismo não é um preconceito isolado, mas uma estrutura que permeia relações sociais, inclusive no ambiente escolar. Conforme apontado pela OMS (2021), o idadismo afeta diretamente a saúde mental e a qualidade de vida das pessoas idosas, e sua reprodução na infância e adolescência reforça estereótipos prejudiciais. Durante os encontros formativos, percebi como muitos professores, embora sensibilizados pelo tema, enfrentavam dificuldades para incorporá-lo em suas práticas pedagógicas devido à falta de tempo, recursos ou apoio institucional. Essa lacuna entre a intenção e a ação revela a necessidade de políticas públicas que articulem formação continuada, produção de materiais didáticos e revisão curricular, conforme sugerem Cachioni e Neri (2019).

A metodologia do curso, baseada em relatos de experiência sistematizados (MUSSI et al., 2021), mostrou-se particularmente eficaz para conectar teoria e prática. Ao documentar as reações dos professores, suas dúvidas e sugestões, pude compreender como a formação docente deve ser dialógica e contextualizada. Por exemplo, a abordagem inicial, centrada em aulas expositivas, precisou ser adaptada para incluir mais espaços de debate e relatos pessoais, uma vez que os professores destacaram a importância de vincular o conteúdo às suas vivências familiares ou profissionais. Essa flexibilidade reforça a ideia de Freire (2006) de que a educação é um processo contínuo de reflexão sobre a ação, onde o conhecimento se constrói coletivamente.

Além disso, a experiência evidenciou a importância de ouvir os educadores como protagonistas de sua própria formação. Os conflitos geracionais relatados por professores – especialmente aqueles que lecionam para crianças e jovens – destacaram como o idadismo é uma via de mão dupla: afeta não apenas os idosos, mas também os próprios docentes, muitas vezes desvalorizados por sua idade ou experiência. Essa percepção reforçou a necessidade de incluir o envelhecimento como um tema transversal na educação básica, integrando-o a

disciplinas como Ciências, História e Língua Portuguesa, conforme as competências gerais da BNCC (2018). A escola, como espaço de formação cidadã, tem o potencial de desconstruir estereótipos e promover uma visão mais crítica e humana do envelhecimento, preparando os estudantes para lidar com as transformações demográficas em curso.

Outro aspecto relevante foi o desafio de traduzir conhecimentos científicos complexos – como os mecanismos das demências ou os processos de envelhecimento saudável – para uma linguagem acessível e significativa. A construção do curso autoinstruído exigiu não apenas rigor acadêmico, mas também criatividade pedagógica, como a utilização de casos reais, vídeos curtos e atividades interativas. Essa prática ressoa com as contribuições de Gil Perez et al. (2001), que defendem uma abordagem da ciência como processo dinâmico e humano, distante de visões simplistas ou dogmáticas. Ao mesmo tempo, a experiência mostrou que a formação docente sobre envelhecimento não pode se limitar a transmitir informações, mas deve incentivar a reflexão sobre como essas questões se relacionam com a vida cotidiana, a saúde pública e as políticas sociais.

Como perspectivas futuras, o projeto EnvelheCiência aponta caminhos importantes para a educação gerontológica no Brasil. Em primeiro lugar, é fundamental ampliar a oferta do curso para outras regiões, adaptando-o às especificidades locais e às demandas de diferentes contextos escolares. Em segundo lugar, a produção de materiais didáticos especializados – como sequências de aulas, jogos educativos e vídeos de curta duração – pode facilitar a incorporação do tema pelos professores, especialmente aqueles com menor acesso a formações presenciais. Em terceiro lugar, a inclusão do envelhecimento e do idadismo nos currículos de formação inicial de pedagogos e licenciados é uma medida urgente, capaz de preparar futuros docentes para abordar essas questões desde o início de suas carreiras. Por fim, pesquisas qualitativas e quantitativas sobre o impacto do idadismo no ambiente escolar e a eficácia de intervenções pedagógicas podem embasar políticas públicas mais assertivas.

Em nível pessoal, a participação no EnvelheCiência transformou minha compreensão sobre o envelhecimento e ressignificou minha prática pedagógica. Ao acompanhar os professores em suas dúvidas, medos e descobertas, pude perceber como a educação é um campo fértil para a transformação social, mas também um espaço de lutas e contradições. A sobrecarga de trabalho, a falta de recursos e o engessamento curricular são obstáculos reais, mas a disposição dos educadores em aprender e repensar suas práticas demonstra que mudanças são possíveis. Como futura pedagoga, levo dessa experiência a certeza de que a formação docente deve ser um processo contínuo, crítico e colaborativo, onde a teoria e a prática se alimentam mutuamente.

Por fim, o curso reforçou a ideia de que envelhecer não é um problema, mas uma etapa natural da vida que pode ser vivida com dignidade e protagonismo. A escola, ao desconstruir preconceitos e promover valores como respeito e empatia, pode ser um agente central na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva para todas as idades. Essa visão, aliada às ferramentas metodológicas e teóricas adquiridas durante o projeto, será fundamental em minha trajetória profissional, inspirando-me a defender uma educação que dialogue com os desafios do século XXI – incluindo o envelhecimento populacional e a luta contra todas as formas de discriminação.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGLIARDI, Delcio Antônio; AREOSA, Silvia Virginia Coutinho; GRAEFF, Daniela Bertol. O envelhecimento no currículo do Ensino Superior nos cursos de Saúde e Humanidades. **Educ. Puc.** Campinas, v. 25, e204750, 2020. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-39932020000100407&lng=pt&nrm=iso Epub 22-Out-2020. <https://doi.org/10.24220/2318-0870v25e2020a4750>. Acesso em 03 jun. 2025;

ALZHEIMER'S DISEASE INTERNATIONAL. 2024. **World Alzheimer Report 2024: Global changes in attitudes to dementia.** London, England: Alzheimer's Disease International. Disponível em <https://www.alzint.org/u/World-Alzheimer-Report-2024.pdf> Acesso em 03 jun. 2025;

ANTUNES, J.; TORRES, C. M. G.; ALVES, F. C.; QUEIROZ, Z. F. de. Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, [S. l.], v. 6, p. e12517, 2024. DOI: 10.47149/pemo.v6.e12517. Disponível em <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12517>. Acesso em 3 jun. 2025;

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016;

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação infantil e ensino fundamental.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em 03 jun. 2025;

CHIARELLI, Tássia Monique e BATISTONI, Samila Sathler Tavares. Trajetória das políticas públicas brasileiras para pessoas idosas frente a Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030). **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 25, n. 1, p. 93-114, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2022v25i1p10.23925/2176-901X.2022v25i1p115-136>. Acesso em 03 jun. 2025;

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 03 jun. 2025;

DORNELLES, L. V. Bonecos com Corpos-Velhos: o que dizem as crianças sobre envelhecimento. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 40, n. 1, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/45671>. Acesso em: 3 jun. 2025;

GIL PEREZ, Daniel et al. Para uma imagem não deformada do trabalho científico. **Ciência educ.**, Bauru, v. 07, n. 02, p. 125-153, 2001. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132001000200001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 03 jun. 2025;

LIVINGSTON G, Huntley J, Sommerlad A, Ames D, Ballard C, Banerjee S, Brayne C, Burns A, Cohen-Mansfield J, Cooper C, Costafreda SG, Dias A, Fox N, Gitlin LN, Howard R, Kales HC, Kivimäki M, Larson EB, Ogunniyi A, Orgeta V, Ritchie K, Rockwood K, Sampson EL, Samus Q, Schneider LS, Selbæk G, Teri L, Mukadam N. **Dementia prevention, intervention, and care: 2020 report of the Lancet Commission**. *Lancet*. 2020 Aug 8;396(10248):413-446. doi: 10.1016/S0140-6736(20)30367-6. Acesso em 03 jun. 2025;

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 03 jun. 2025. Epub 25-Nov-2021. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>;

NACHTIGALL, Nara Rosana Godfried. **Como alunos dos anos iniciais visualizam o envelhecimento em outros e em si mesmos?** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019;

NERI, Anita Liberalesso. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991;

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 20, n. 43, p. 289-305, maio 2011. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-20972011000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 03 jun. 2025;

PALMORE, Erdman. (1977). Facts on Aging: A short quiz. **The Gerontologist**. 17. 315-20. 10.1093/geront/17.4.315. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/22261469_Facts_on_Aging_A_short_quiz> Acesso em 03 jun. 2025;

PECIN, Maria Helena Colombo. **Uma análise sobre as políticas para o envelhecimento no Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde) --- Fundação Oswaldo Cruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional em Saúde, Rio de Janeiro, 2019;

PIOVEZAN, Marcelo & Miot, Helio & Garuzi, Miriane & Jacinto, Alessandro. (2018). Cross-cultural adaptation to Brazilian Portuguese of the Dementia Knowledge Assessment Tool Version Two: DKAT2. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**. 76. 512-516. 10.1590/0004-282x20180069. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/327666650_Cross-cultural_adaptation_to_Brazilian_Portuguese_of_the_Dementia_Knowledge_Assessment_Tool_Versi_on_Two_DKAT2 Acesso em 03 jun. 2025;

RAMOS, A. C. (2014). Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. **Educação & Realidade**, 40(1). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/45343>. Acesso em 03 jun. 2025;

ROSA, Maria Inês Petrucci; Tacita Ansanello. Memórias e odores: experiências curriculares na formação docente. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 565-575, dez. 2008. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 03 jun. 2025;

VELOSO, Esmeraldina Maria Costa; ROCHA, Maria Custódia Jorge. Políticas públicas, pessoas idosas, educação e envelhecimento: o caso de Portugal num contexto global. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, Marília, v. 2, n. 1, p. 3-37, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.33027/2447-780X.2016.v2.n1.02.p3>. Acesso em 03 jun. 2025;

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global report on ageism**. Geneva: WHO, 2021. Disponível em <https://www.who.int/publications/i/item/9789240016866> Acesso em 03 jun. 2025.